



FAKE NEWS PARA A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

O impacto da digitalização das comunicações modificou a forma como as pessoas produzem informações, contribuindo para a democratização midiática e o jornalismo cidadão, muito embora tenha também modificado a forma como as notícias são consumidas e digeridas, sobretudo por conta do acesso aos conteúdos, imediatismo e quantidade sem precedentes que alcançam praticamente a todos e afetam a maneira de enxergar o mundo e viver o dia a dia. O fenômeno contemporâneo pode ser conferido por meio da abordagem sociológica das características do capitalismo tardio (“Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas Teorias sobre o Mundo Contemporâneo”, Krishan Kumar).

Esse novíssimo período histórico destaca o crescimento e a diversificação dos núcleos produtores de informação que tem espalhado imensurável quantidade de dados por todo o globo, muito embora, em grande medida, sem base factual e nem sequer objetividade. Ao contrário, as notícias se sustentam na publicação de fantasias e na reprodução de imagens equivocadas que comprometem a criticidade e amplificam a opinião do público empático.

Como já proclamavam os situacionistas franceses no final da década de 60, vivemos a “sociedade do espetáculo”, na qual o fluxo de imagens e a intensidade de postagens geram a percepção de “hiper-realidade”, onde o ambiente saturado pela mídia eletrônica altera realmente a percepção do que é real e torna mais difícil do que antes, diferenciar imagem de realidade (Baudrillard e Eco).

As notícias falsas (inspiram medo, revolta e surpresa) têm 70% mais chances de viralizar (maior velocidade e abrangência) do que as informações verídicas que deflagram expectativa, tristeza, alegria ou confiança (“The Spread of True and False News Online”, Massachusetts Institute of Technology/MIT).

Semelhantemente, outras reflexões sobre a questão da “Post-Truth” (Word of the year/2016, according to Oxford Dictionaries) e das “Fake News” (The Collins Dictionary Word of the year/2017), demonstram como a informação pouco fundamentada passa a ser gradativamente preferida pela audiência, em detrimento de dados objetivos ou fontes dotadas de maior credibilidade. Mais recentemente, a sociedade tem sido bombardeada pela segunda geração de conteúdos mentirosos ou baseados

em imagens manipuladas digitalmente e capazes de chantagear principalmente as celebridades e os políticos em ano de eleições. A recomendação é confiar cada vez menos nos próprios olhos, já que a palavra “Deepfake” pode até ranquear hegemônica nesse ano corrente ou mesmo no vindouro.

É de se lamentar que a “banalização da mentira relativizou a verdade”, levando à diminuição da preocupação do público em relação à veracidade das informações recebidas, já que o valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos são remetidos ao segundo plano, e o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver e ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um.

É evidente reparar no avanço da humanidade diante do contexto em que dados e notícias são transmitidos em alta velocidade por todo o mundo, muito embora, as “Fake News” e sua influência negativa na política, mercados de capitais e até na saúde pública, tem resultado desinformação cada vez mais evidente.

Curiosamente, boa parte da comunidade científica continua calada frente às forças sociais, psicológicas e tecnológicas das notícias elaboradas para enganar a audiência e simultaneamente atender algum interesse escuso. A bióloga e PhD Natália Pasternak palestrou sobre o cenário da ciência no Brasil e responsabilidade da academia no letramento científico da população no TEDxUSP. Vale a pena conferir: youtu.be/F3KUEdIP3lo ■

**COMO JÁ
PROCLAMAVAM
OS SITUACIONISTAS
FRANCESES NO
FINAL DA DÉCADA
DE 60, VIVEMOS
A “SOCIEDADE
DO ESPETÁCULO”,
NA QUAL O FLUXO
DE IMAGENS E A
INTENSIDADE DE
POSTAGENS GERAM
A PERCEPÇÃO DE
“HIPER-REALIDADE”**

▼
Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do
MBA/PECEGE/
Esalq/USP

Gabriel Zani
é historiador,
FFLCH/USP